

Perder alguém é sempre doloroso. Tutoros de pets também passam por eventos traumáticos quando seu bicho de estimação morre, podendo abalar, inclusive, sua saúde mental

Fotos: Arquivo pessoal

A tristeza de quem ficou

POR EDUARDO FERNANDES

Ter um animal de estimação em casa é criar dentro de si um afeto singular. A partir do momento em que o pet se vai, o luto é vivenciado da mesma forma que a partida de um membro da família. Mas, com um adendo: o agravante de não receber a legitimidade da dor por parte do círculo social.

“A pessoa tenta mitigar seu sofrimento, pois sente constrangimento em demonstrar o sentimento e não encontra amparo adequado para ajudar a superar esse momento. Essa experiência causa impacto negativo psicológico, físico, emocional, altera o humor, a rotina do sono e até mesmo transtornos alimentares”, explica a psicóloga clínica e neuropsicóloga Roselene Espírito Santo Wagner.

Esse processo, de acordo com a profissional, é um desafio psíquico que requer reconstrução e reorganização consigo mesmo. O tempo de recuperação depende de muitos fatores, mas considera-se normal entre três meses a um ano a elaboração da dor nas seguintes fases: raiva, culpa, tristeza e até aceitação.



Há um ano e cinco meses, Pedro perdeu a cachorrinha Mya



Estelle chegou para preencher não somente um espaço, mas para conquistar o seu e cativar a família



Sunny era uma parte muito importante da vida da arquiteta Isabela

“Se ultrapassar esse período, passa a ser considerado um luto patológico, que é a impossibilidade de elaborar uma perda, em que a pessoa não consegue se reorganizar. É, então, de suma importância buscar ajuda profissional”, recomenda Roselene.

Nome de luz

Há pouco mais de um mês, Isabela Silva de Souza, 30 anos, perdeu sua gatinha Sunny. A pet, segundo a arquiteta, começou a ficar doente em janeiro de 2022, quando passou a perder peso repentinamente. “Levamos ao veterinário, foram meses até conseguirmos um diagnóstico de doença da pulga. Acreditamos que ela tenha sido contaminada antes da adoção, pois sempre fazemos o controle da praga e os meus gatos não saem de casa”, relembra.

No entanto, mesmo com o tratamento, ela não melhorava. A família fez mais exames até que descobriram que a animal tinha uma anemia autoimune. Isabela e a esposa, então, correram em busca dos melhores procedimentos disponíveis para tentar salvar a vida da pet. Transfusões, aplicação de célula tronco e de hormônio foram os meios encontrados.

“Sunny pôde viver com qualidade por mais um ano e 10 meses entre idas e vindas da internação. Infelizmente, agora em outubro, ela teve uma piora muito agressiva e repentina e já não tínhamos mais os recursos para cuidar dela. Apesar de termos tratado no hospital público e no universitário, gastamos uma quantia muito elevada com as terapias e já não tínhamos a mesma capacidade financeira para cuidar dela”, destaca.

O processo de luto, para a arquiteta, tem sido complicado até aqui. Afinal de contas, em casa, ela ainda conta com mais três gatinhos que, juntos, eram chamados de quarteto fantástico pela família. Lugares, lembranças, vasilha de comida. Tudo, por enquanto, continua sendo memória presente de uma pet que deixou muita saudade para Isabela. “Sunny representa luta e vontade de viver acima de tudo. Dava para ver que ela confiava muito na gente e, além disso, representou luz como o próprio nome dela diz.”

Evento traumático

O psicólogo clínico Paulo Gomes acredita que, nos últimos anos, os animais de estimação se tornaram membros da família, ganhando mais importância e, por isso, aumentando esse sentimento de perda. “O processo de luto tem muito mais a ver com o sofrimento, do que sobre o objeto perdido, que pode ser um ente querido, um relacionamento, um bem inestimável ou mesmo um animal, como gato, cachorro ou ave”, explica.

Atualmente, de acordo com ele, devido ao novo papel que os pets assumiram na sociedade, o impacto é tanto ou maior que a perda de